**RELIGIÕES PARA A PAZ OU PARA A GUERRA?**

**UM RETRATO DO NOSSO TEMPO[[1]](#footnote-1)**

*Michael Amaladoss, S.J.[[2]](#footnote-2)*

Contemplando a situação no mundo atual vemos conflitos armados entre países ou mesmo entre grupos situados dentro do mesmo país. Atualmente, o Oriente Médio ou a Ásia Ocidental são um bom exemplo de tais conflitos. Hoje, o Papa Francisco fala de um mundo onde lutamos uma terceira guerra mundial embora de forma fragmentária. Na realidade, mais pessoas perdem a sua vida nas guerras atuais do que nas passadas guerras mundiais. Uma novidade hoje é que as religiões são vistas como atores dessas guerras. No passado houve cruzadas, jihad e guerras santas. As duas guerras mundiais não foram associadas com religião, mas quando George Bush invadiu o Iraque usou, embora momentaneamente, a palavra ‘cruzada’. Os grupos muçulmanos viram isto com um ataque vindo do Cristianismo Ocidental e ĕ zeram com que os grupos locais de cristãos pagassem um preço duro. Hoje, o Estado Islâmico retalia com uma verdadeira jihad. Assistimos conflitos entre muçulmanos e cristãos na África e no Paquistão. No Sri Lanka existem lutas entre hindus e budistas. A maioria muçulmana tenta subjugar as minorias religiosas na Indonésia e Malásia. Mesmo assim, existem tensões entre as próprias vertentes muçulmanas, dos sunis e shias, e entre os ortodoxos e aqueles considerados hereges. Ao inverso, os próprios muçulmanos sofrem perseguição nas Filipinas, Índia, China e Mianmar. O conflito judaico-muçulmano na Palestina não tem ĕ m e a minoria cristã sofre em toda a Ásia. Na obra célebre, O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial, Samuel Huntington tende a identificar as civilizações com religiões e prevê um confronto global entre o cristianismo ocidental e o islamismo oriental. Alguns sugerem que este confronto já está acontecendo, começando pelo ataque das torres gêmeas em Nova Iorque em 11 de setembro de 2001. Tudo isto nos leva a perguntar: por que as religiões estão envolvidas em tais guerras?

Por outro lado, na ocasião do Segundo Parlamento Mundial das Religiões em Chicago, em 1993, os participantes proclamaram que não pode haver paz no mundo sem haver paz entre as religiões. Palavras que os levaram a elaborar uma ‘ética global’. No início de setembro de 1986, João Paulo II convidou líderes de todas as religiões do mundo para um encontro em Assis em que pensava rezarem juntos pela paz mundial. Aqui se viu uma certa divisão entre as religiões no fato de que eles não foram capazes de rezar juntos. Quando Bento XVI organizou um encontro semelhante em 2011, 25 anos depois, nem separadamente conseguiram rezar. Provavelmente nem reconheciam a religião um do outro. É neste contexto que tentarei realmente explorar como as religiões estão envolvidas tanto na guerra como na paz. Primeiro mostrarei como as religiões contribuem à violência; depois veremos sua função essencial para promover paz entre os povos.

**1. Defendendo a própria Identidade Social**

Mesmo que a ordem política contemporânea seja baseada nos direitos individuais e que a cultura é caracterizada pelo individualismo; nós permanecemos seres sociais. A comunidade humana é dividida em grupos baseados na etnia, cultura, língua, situação econômica e religião etc. As nossas identidades como seres humanos são socialmente construídas e nos tornamos conscientes de nossa identidade interagindo com pessoas significativas: começando pelos nossos pais, mas também o convívio com outros anciãos da comunidade e os vizinhos. A identidade de uma comunidade se cria e interioriza através de rituais simbólicos; entre estes os ciclos da vida e os rituais sazonais, e as festas sociais e religiosas. A identidade de um grupo sempre se contrapõe à de outro grupo: “nós” contra “eles”. Os psicólogos sugerem que, quando existem muitos grupos, um grupo vê o outro não apenas como diferente, mas como competição, inferior e até inimigo. Existe um ‘grupo-dentro’ contra um ‘grupo-fora’. Uma vez que os grupos experimentam diferença, embora possam ter uma interação social que é inevitável no mercado, não se esforçam para conhecer o “outro”. Contato entre eles permanece superficial, que leva à ignorância e ao preconceito. A maioria das comunidades cristãs têm escolas cristãs, como os muçulmanos têm seus *madarasas*. A religião sempre se expressa através de rituais e festivais em grupo. Portanto a identidade religiosa se torna parte da identidade do grupo. Podemos então dizer que é a dimensão mais profunda, por se relacionar às questões fundamentais envolvendo a vida e a morte. Ela orienta a busca do sentido e o plano de vida. Religião pode continuar a fornecer uma estrutura que dá sentido à cultura, mesmo sem praticar uma religião particular. Ela também pode ser substituída por uma ideologia ou quase-religião relacionada à religião dominante. Sudhir Kakar, um psicanalista indiano que estudou o fenômeno inter-religioso da violência, explica:

O espaço interno ocupado por o que é habitualmente chamado de ‘eu’ - que tenho usado como sinônimo de “identidade” - não só contém representações mentais da vida física ou das relações primárias que existem entre uma família, mas também detêm as representações mentais de um grupo e a sua cultura, isto é, a configuração que o grupo tem a respeito das crenças sobre o homem, a natureza, e as relações sociais (incluindo o ponto de vista do Outro). (p.BD 18)

Psicólogos sugerem que tal sentido de identidade se desenvolve e se fixa com apenas 3 ou 4 anos de idade. Já que é um conceito normalmente inconsciente e não facilmente alterado, os que pertencem a grupos tão diversos são capazes de viver juntos em um espírito de tolerância - de “viver e deixar viver”. Porém quando existe competição no campo social, econômico ou político, a identidade pode-se tornar conflituosa.

**2. Comunalismo Religioso**

À medida em que a religião pode fortalecer a identidade social, entendendo-se como um grupo especialmente escolhido ou favorecido por Deus, pode intensificar o conflito e também torná-lo religioso. Neste caso, falamos de “comunalismo religioso”. O termo “comunalismo” não pode ser encontrada no dicionário Oxford, mas é um termo muito comum na Índia que se refere ao uso político de religião. A maioria dos conflitos entre grupos começam por questões econômicas. Grupos crescem e se espalham, mas para o fazer precisam de recursos. Ao recrutarem esses recursos deparam-se com outros grupos que procuram controlar os recursos. O poder destes grupos controladores vira-se uma dominação política; ou seja, uma luta econômica se transforma em luta política – a busca pelo poder. Líderes que querem estabelecer tais grupos veem na religião uma força que cimenta, facilita e faz bem. A Europa teve o costume de ter partidos Democratas Cristãos. Na Malásia, por exemplo, os muçulmanos, apesar de terem uma pequena maioria, mantêm o poder dessa maneira bem como outros países muçulmanos que têm partidos islâmicos. Agora, na Índia um partido com uma ideologia Hindutva governa o país. Grupos budistas governam o Sri Lanka e Mianmar. As Filipinas são um país “cristão”. Essa possível relação entre religião e política é a razão por que em países comunistas como a China ou o Vietnam, os grupos religiosos são proibidos ou rigidamente controlados, quando não é possível impor a ideologia comunista. Nós sabemos o papel que a identidade religiosa – o direito religioso – tem até mesmo nos EUA. Há alguns países seculares da Europa que não têm nenhuma necessidade para a religião, mas quando têm de enfrentar uma forte minoria muçulmana percebem-se como diferentes religiosamente falando.

**3. Fundamentalismo Religioso**

A religião pode se tornar uma fonte de conflito quando um grupo religioso se torna fundamentalista. Os fundamentalistas são aqueles que pensam que têm de defender os fundamentos da sua religião quando estão sob ataque, porque só eles são verdadeiros. O termo “fundamentalismo” teve origem no sul dos Estados Unidos da América na década de 1930, quando alguns grupos de cristãos não interpretaram a Bíblia literalmente e questionaram a ciência que parecia duvidar das histórias da Bíblia. A teoria da evolução foi atacada porque parecia negar a história da criação na Bíblia. Esta atitude anticientífica tornou-se abertamente política, quando o grupo se voltou contra o comunismo descrevendo-o como ideologia ateísta e sentiu a responsabilidade de proteger os EUA do bloco soviético na era de um mundo bipolar após a Segunda Guerra Mundial. Hoje, lutam contra outras causas como aborto, casamento do mesmo sexo, etc. Fundamentalismo mais tarde foi atribuído a forças islâmicas no Oriente Médio. Fundamentalistas islâmicos acreditam na verdade literal do Alcorão e pensam que nele se contém tudo que é preciso saber. Hoje, na Índia, os fundamentalistas hindus descobrem em suas escrituras antigas - os Vedas - protótipos da tecnologia moderna como aviões.

O fundamentalismo religioso não é problemático dentro das próprias crenças de um determinado grupo. De fato, os grupos fundamentalistas não tinham matiz político. O conflito surge quando um grupo maioritário procura impor suas crenças em grupos minoritários. Enquanto o comunalismo usa a identidade religiosa simplesmente como uma força para cimentar um grupo político; o fundamentalismo procura impor a sua crença/verdade religiosa na esfera pública. Isto, obviamente, leva a conflitos que não são somente políticos, mas também religiosos. Os conflitos tornam-se dramáticos quando os líderes, não-crentes, usam o fundamentalismo das massas para ganhar e impor a hegemonia política.

O exclusivismo na religião pode ser considerado com uma forma branda de fundamentalismo. Algumas pessoas acreditam que a religião que professam é o único caminho da realização humana (salvação). Sua visão é global e querem converter todos à sua religião. Eles engajam em “proselitismo” e, quando uma ocasião se apresenta, não são opostos a usar a força para impor a sua religião. Essa força pode ir de espiritual-psicológica para político-econômico, midiático e até mesmo militar. Isso já aconteceu no Islã e também no cristianismo no período colonial, especialmente nas Américas e, talvez, em alguns lugares da África. Que um grupo politicamente dominante atrai setores mais fracos da sociedade para se juntar a eles é outro lado da história. Pelo contrário, alguns grupos optaram por conversão religiosa como uma forma de protesto contra a opressão social. Por exemplo, um líder bem conhecido na Índia, Bhimrao Ambedkar, se converteu ao budismo com milhares de seus intocáveis seguidores, porque ele sentia que eles não ganhariam igualdade social se permanecessem hindu. Pela mesma razão, alguns se tornaram cristãos ou muçulmanos.

**5. Religiões não são inocentes**

Partindo, do que temos visto até agora pode-se ter a impressão que as religiões, inocentes em si mesmas, são usados por líderes políticos para reunir e animar um grupo de pessoas em busca de seus próprios fins económicos e políticos. Infelizmente, as próprias religiões têm uma face violenta. A maioria das religiões começam como uma busca para solucionar “problema do mal”. O mais óbvio é o Buda, que começou com a ideia que existe sofrimento no mundo. Ele descobriu que a causa do sofrimento é o desejo e propôs sua trajetória de oito passos para se livrar do desejo e escapar do sofrimento. O hinduísmo atribui o sofrimento às ações de alguém, ou na vida presente ou na vida passada. O qual merece como castigo o sofrimento. Pode-se escapar deste ciclo de “nascimentos” por vários caminhos, envolvendo uma visão sábia, devoção amorosa ao Senhor e uma ação vazia de desejo. O cristianismo pensa que o sofrimento veio ao mundo por causa do pecado dos primeiros humanos. Eles mesmos foram tentados por um espírito maligno - uma serpente. O sofrimento de Jesus pagou os pecados da humanidade. Uma das teorias da redenção o vê como uma vitória sobre o espírito maligno. O islã também tem seus demônios, que desobedeceram a Allah. Tal busca para explicar a experiência do sofrimento, eventualmente leva a um mundo onde há um conflito entre forças do bem e do mal - anjos e demônios na tradição cristã.

Em uma situação de conflito entre dois grupos em que a identidade religiosa tem sido usada para reunir as tropas, é fácil identificar o meu próprio grupo com Deus e o outro com o demônio ou falsos deuses. Cada conflito no Antigo Testamento era uma guerra santa entre Javé e os falsos deuses dos outros povos, até que chegamos ao período seguinte, quando os assírios e os persas foram vistos atuando como agentes de Deus para punir a infidelidade de Israel. Toda guerra santa também se torna uma guerra justa, porque o inimigo, sendo injusto, merece ser aniquilado. Havia as cruzadas na Idade Média contra os pagãos, a ĕ m de libertar os lugares sagrados da Palestina; até santos como Bernardo pregaram entusiasmadamente as cruzadas. No período colonial a violência era justificada à tarefa de levar os bens da salvação para os infiéis ignorantes, naturalmente no processo de compartilhar o seu ouro. George Bush viu Satanás espreitando no Iraque, Irã e, talvez, a Rússia e declarou uma cruzada. Claro, o controle sobre os campos de petróleo na Ásia Ocidental será, mesmo incidental, uma consequência bem-vinda. Islã tem sua jihad. No início, era para ser a luta pessoal de cada um para ser fiel a Deus; posteriormente, foi justificada como uma ação defensiva contra a agressão. Mais tarde, tornou-se uma forma justificada de promover a verdade de Allah para encarar os não-crentes. Os grandes clássicos do hinduísmo, o Ramayana e Mahabharata, são narrativas de batalha para restabelecer o Dharma ou a justiça nesta terra. O deus Vishnu vem à terra para defender o Dharma e instrui seu discípulo Arjuna a combater. Seu discurso incentivando batalha – o Bhagavad Gita – tornou-se o texto mais sagrado do hindu moderno. Buddha pode ser não-violento, mas o budismo tem uma série de bons e maus espíritos, que lutam no mundo antes da libertação final. Os Sikhs viajam com um pequeno punhal. Apenas jaínismo mantem-se totalmente não-violento. Assim, exércitos podem sempre encontrar alguma justificação para a batalha em suas escrituras e demonizar o inimigo como o mal. Podem então eliminá-los com uma boa consciência, em nome de Deus.

**6. Religião ambígua**

Como podem as religiões que apoiem a guerra dessa maneira trazer paz? A razão é que as religiões são legitimadoras e proféticas. O exemplo ideal para entender isso seria Paulo. Opondo fé com a lei, ele diz:

Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo forma batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; porque todos são um em Cristo Jesus. (Gálatas 3:26-28)

Mas o mesmo Paulo, quando o escravo Onésimo vem para buscar refúgio, envia-lo de volta a Filemon. Ele não diz a Filemon para libertar Onésimo, já que ele é agora um irmão em Cristo. De fato, importa, ele diz aos Efésios: “*Vós servos obedecei a vossos senhores, segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração como a Cristo*” (Ef 6:5). Ele também tem uma longa passagem em sua carta aos Coríntios que afirma: “o marido é a cabeça de sua esposa” (1 Cor 11:3) e, portanto, as mulheres devem se cobrir. (cf. 1 Cor 11: 2-16). Os ideais da religião se ajustam aos costumes sociais predominantes. A religião legitimaria a sociedade, mas também é chamada a ser profética. O próprio Paulo condena, no mesmo capítulo, a desigualdade social praticada entre os ricos e os pobres na comunidade por ocasião da Eucaristia (cf. 1 Cor 11: 27-32). Isto leva Paulo para falar dos diferente, mas iguais, dons do Espírito, da unidade do Corpo de Cristo e das belezas do amor. A Igreja tolerará a escravidão até o século 18. A escravidão ainda continua nas comunidades cristãs em termos de diferenças raciais e de castas e na forma como os povos migrantes são tratados. As mulheres continuam a ser oprimidas de diversas maneiras. A minha única intenção aqui é mostrar que a religião tende a ser profética e legitimadora na sociedade. Passagens das escrituras seriam selecionadas e interpretadas para servir o determinado propósito de uma pessoa. Isto, precisamente, nos oferece uma oportunidade para insistir na dimensão profética da religião.

**7. Religiões para a Paz**

É a minha contenção que enquanto o conflito e a opressão estão presentes nas áreas econômicas, políticas, sociais, culturais e até religiosas da sociedade, somente a religião nos oferece ferramentas para a promoção da justiça e da paz. A economia está somente interessada apenas na geração do lucro por meio de vários empreendimentos industriais e comerciais, explorando os pobres no processo. A política está engajada na busca pelo poder de controlar os recursos da natureza e os trabalhadores, com o intuito de facilitar a atividade econômica rentável. A sociedade permanecerá hierárquica, apoiada nas diferenças econômicas e políticas. Os direitos e liberdades individuais serão afirmadas a nível político, mas serão exercidos apenas em época de eleições. A mídia nos ajuda a viver no mundo dos sonhos, nos permitindo tolerar a situação vital. Somente a religião, em nome de Deus, o Absoluto, eleva uma voz profética, se não oficialmente e estruturalmente, então por meio de pessoas proféticas que testemunham, através de suas vidas e palavras, um caminho alternativo de viverem juntos e construírem comunidades de paz e harmonia. Todas as religiões proclamam a paz como ideal e objetivo – *shalom, salam, shanti* – mas a paz não é algo dado, mas sim algo a ser conquistado. As religiões podem promover a paz ao permitir a conversão pessoal, bem como a transformação social.

**8. Construindo a Paz**

As raízes do conflito no mundo são o desejo, atualmente manifestado como consumismo, egoísmo, individualismo e a busca por poder e dominação. Estes são camuflados em nobres fins como os direitos humanos, a eficiência, a justiça e a paz. As religiões são usadas para justificar tais falsos fins. Se as religiões desejam promover a paz, dado a presente situação de violência, suas primeiras tarefas devem ser a resolução de conflito e a construção da paz. Um dos esforços bem-sucedidos de reconciliação nos últimos anos tem sido a Comissão de Verdade e Reconciliação na África do Sul, sob a presidência do bispo Desmond Tutu. Esta comissão tem nos mostrado que a paz só é possível sob três condições: estabelecimento da verdade acerca do que aconteceu ou está acontecendo, promoção da justiça restaurativa e encorajamento da reconciliação através do perdão. Os conflitos têm causas: as reais e outras projetadas. A primeira tarefa é encontrar e aceitar as causas reais. A verdade deve ser reconhecida publicamente. A maioria dos motivos para o conflito vai desaparecer se a verdade for contada e aceita. A descoberta e a afirmação da verdade devem ser seguidas pela prática da justiça. Desmond Tutu distinguiu justiça retributiva de justiça restaurativa. A justiça retributiva é baseada na vingança: olho por olho. Ela é acompanhada pela raiva e provoca resistência. A justiça restaurativa procura ignorar o passado e focar no futuro com o objetivo de reconstruir a comunidade. Se as pessoas tiveram perdas contínuas durante a guerra, alguma reparação deve ser feita. A comunidade tem que ter responsabilidade sobre isso. A seguir, deve haver reconciliação. Isso é mais difícil. A reconciliação envolve perdão pelo grupo ofendido. Mas o perdão não restaurará as relações e a comunidade se não for precedido pelo reconhecimento da culpa, no mínimo, e pelo arrependimento da outra parte. Isso envolve uma conversão que só a religião, e não as considerações econômicas, políticas e sociais, podem conseguir. Só a religião pode ser altruísta e motivar pessoas para que se encontrem nos termos da justiça distributiva no contexto econômico. Apenas a religião pode habilitar uma pessoa a olhar para a outra, não como objeto a ser manipulado segundo a busca pelo poder de alguém, mas como pessoas que se devem amar e respeitar. Mais uma vez, somente a religião pode abrir a nossa concha do individualismo e nos ajudar a nos abrir para a natureza, para os outros e para Deus no processo de construção da comunidade. Quando as pessoas mudam, elas podem mudar as estruturas de uma forma autêntica. Caso contrário, as mudanças estruturais só serão aparentes e as opressões continuarão de outras formas. Este tem sido o caso em muitas das chamadas revoluções, as quais tendem ser meramente políticas e acabam por beneficiar só aquele grupo que estão em poder, enquanto a situação econômica, social e política das pessoas permanece a mesma. Mahatma Gandhi é um bom exemplo. Ele tentou lançar uma revolução totalmente não-violenta na Índia. Ele foi politicamente bem-sucedido em libertar a Índia da colonização britânica. Mas seus objetivos econômicos e sociais revolucionários permaneceram não alcançados. E assim a luta continua, mesmo que ainda não tenha levado a uma violência aberta e generalizada, existem regiões tensas e grupos de guerrilha ativos e independentes. Também há conflitos étnicos e religiosos no Norte-Ocidental e no Norte-Oriental. O Martin Luther King realizou a igualdade política, mas mesmo com um presidente afro-americano as relações raciais não mudaram nos EUA.

**9. Religiões e a Mudança Social: Cristianismo**

Agora darei um passo adiante para mostrar como as várias religiões mundiais têm elementos em si que promovem a mudança social e a paz. Eu vou limitar a minha atenção ao Cristianismo, Islamismo, Hinduísmo e Budismo. As religiões não oferecem soluções econômicas, políticas e sociais concretas, mas oferecem perspectivas éticas para ajudar as pessoas a desenvolver projetos e fazer escolhas.

Jesus proclamou a chegada do Reinado (Mc 1:14-15) e o inaugurou com sua vida, ensinamentos e milagres. A chegada do Reinado nos chama a uma conversão – uma mudança de atitudes, perspectivas, atitudes e práticas. Um exegeta indiano, George Soares-Prabhu, resume a mensagem do Reinado em três palavras: liberdade, companheirismo e justiça. O Reinado liberta as pessoas dos demônios do egoísmo e desejo, promove a justiça distributiva e restaurativa. Isto se mostra na ação de Jesus em sua opção especial pelos pobres. É a favor deles que Ele faz milagres que curam e alimentam. Sua comunhão com os publicanos, pecadores e prostitutas mostra que ele não se une aos fariseus hipócritas ou aos sumos sacerdotes sedentos de poder, mas sim aos pobres e oprimidos. Na sua história do julgamento final, ele identifica-se com os pobres e necessitados e diz às pessoas: “*Eu vos declaro, todas as vezes que fizestes a um destes mais pequenos, que são meus irmãos foi a mim que o fizestes.*” (Mt 25:40) Ele estende a mão aos pecadores por meio do perdão e da cura (cf. Mc 2:1-12; Lc 7:36-50). Na parábola do Bom Samaritano, ele mostra que o vizinho a ser amado é qualquer um que esteja em necessidade. Ele estende a mão para os samaritanos (Jo 4), a mulher siro-fenícia (Mc 7:24-30) e um centurião romano (Mt 8:5-13).

No último dia da sua vida, Jesus dá aos seus discípulos um novo mandamento: “*Amai-vos uns aos outros como eu vos amei*” (Jo 15:12). Ele mostra o significado do amor em três formas: servindo, dividindo e se auto doando. Ele lava os pés dos seus discípulos, dando a eles uma lição de humildade. Ele divide a comida com eles na última ceia, tornando-se a si mesmo corporalmente presente nela. Ele oferece a sua vida em defesa da nova vida que oferece no Reinado: “*Ninguém tem maior amor do que aquele que se despoja da vida por aqueles a quem ama*” (Jo 15:13). Ele deixa para eles o símbolo da eucaristia como celebração de comunidade.

O perdão é um tema chave da pregação e práxis de Jesus. No sermão da montanha, ele encoraja as multidões a perdoarem seus inimigos e ter o Pai como um exemplo. O perdão é o caminho da perfeição. (Mt 5:43-48). A passagem correspondente no evangelho de Lucas diz: “*Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso*”. (Lc 6:36). Enquanto você se aproxima do altar para fazer uma oferenda, se você acredita que um irmão ou irmã tem alguma mágoa contra você, você deve se reconciliar antes de fazer a oferenda. (cf. Mt 5:23-24) Finalmente, Jesus ensina seus discípulos a rezar: “*Perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*.” (Mt 6:12)

Os primeiros cristãos entendiam as perspectivas de Jesus e tentavam viver como uma comunidade de partilha e companheirismo. (cf. Atos 2:44-47), mesmo que pouco depois apareceram tensões e que os Apóstolos tiveram que nomear diáconos. (cf. Atos 6:1-6).

**10. Religiões e a Mudança Social: Islã**

O Islã tem uma preocupação especial pelos pobres. Zakat ou doação de esmolas é um dos cinco pilares do Islamismo. Os outros pilares são: a proĕ ssão da fé, a oração cinco vezes ao dia, o jejum, especialmente durante o Ramadã, e a peregrinação à Meca, quando possível. Uma pessoa deve dar 2,5% de sua renda para os pobres, embora que possa dar mais se quiser. Dessa forma, algum tipo de igualdade econômica busca se manter na sociedade. Em um país islâmico, o Estado pode coletar um imposto como a Zakat e distribuir o dinheiro ou os bens aos pobres. O Islamismo proíbe os juros nos empréstimos, ainda que haja uma jurisprudência elaborada a este favor.

Uma das importantes doutrinas do Islã é a Tawhid ou a unicidade de Deus. Deus é um. Isso implica que a comunidade também deve ser uma e caracterizada pela justiça e igualdade. A terra é de Deus e pertence igualmente a todos. Todos os humanos são igualmente vice gerentes de Deus. Eles podem escolher um líder para guiá-los, mas todos ainda permanecem responsáveis pela vida da comunidade e pelas necessidades a serem consultadas em assuntos que lhes importam. Um acadêmico paquistanês muçulmano chama isso de “teodemocracia”. Não há a soberania do povo como na democracia moderna. Não há uma hierarquia sagrada no Islã. O Ulema dirige a oração; caso contrário, ele não tem poderes sobre a comunidade. Todos são iguais perante Deus, apenas Deus é soberano, mas todos são responsáveis pela comunidade. Os bens do mundo são administrados pela comunidade e são destinados a serem usados por todos.

Um dos importantes atributos de Allah é a sua misericórdia. Como Allah, os humanos também devem ser misericordiosos. São citados versos diferentes do Alcorão. “*Vira ao perdão e segue o bem*”. (7:199) “*porém, que os tolerem e os perdoem. Não vos agradaria, por acaso, que Allah vos perdoasse? Ele é Indulgente, Misericordioso*” (24:22) Dentre as qualidades dos crentes, uma é: “*embora zangados, sabem perdoar*” (42:37). Um Hadith ou história tradicional a respeito de Maomé, o apresenta dizendo: “*A melhor ação, ante de Allah, é perdoar quem te tem ofendido, para mostrar afeição por parentes que romperam laços contigo e agir com generosidade para a pessoa que te privou.*”[[3]](#footnote-3) O Islã é a religião de uma comunidade sob Deus. É um problema quando a comunidade se torna exclusiva e domina outras.

**11. Religiões e a Mudança Social: Hinduísmo**

A possível contribuição do hinduísmo para a paz é complicada por dois fatores: o sistema de castas e a teoria do karma. O sistema de castas é um sistema social hierárquico que determina o status do indivíduo na sociedade em relação ao grupo social em que ele nasceu, o que por sua vez é decidido pelo trabalho que o grupo realiza e sua acessibilidade ao sagrado em uma escala de pureza-poluição. O status do indivíduo no grupo social também determina os direitos e as responsabilidades desse indivíduo na sociedade. Não há direitos universais. Ademais, o status do indivíduo na sociedade, e o que poderia acontecer na sua vida, também é determinada por suas ações na vida passada. Entretanto, há um forte senso de justiça ou dharma na sociedade garantido por Deus, que está pronto para se encarnar no mundo, precisamente para garantir a justiça quando ela está sob ameaça. Krishna, a incarnação de Vishnu, conta a Arjuna, sua devota guerreira, “*Para a salvação daqueles que são bons, para a destruição do mal nos homens, para a realização do reino da justiça, eu venho nesse mundo nas eras que passam*”[[4]](#footnote-4). É claro que ele pede pela colaboração de todos os seus devotos. O sistema de castas tem sido criticado por alguns das seitas Bhakti. De qualquer forma, indianos, inclusive hindus, tem aceitado os requisitos de uma democracia moderna, como os direitos individuais. A constituição Indiana, além de tratar de deveres, também reconhece direitos de grupos, especialmente daqueles que foram oprimidos no passado, que recebem tratamento preferencial no mercado educacional e de trabalho. O impacto disso é que as teorias tradicionais das castas e karma também estão sendo desafiadas religiosamente.

Ainda que exista o comunalismo hindu, o hinduísmo nunca foi de fato fundamentalista, pois há uma variedade de seitas. Por essa razão, o Hinduísmo também é mais aberto a outras religiões. A não-violência de Gandhi, ainda que inspirada por Jesus, tem sua origem no hinduísmo, influenciado pelo jainismo e budismo. Um líder Dalit, Narayana Guru, também mostra como a doutrina da não-dualidade, que afirma a comunhão de todos os seres no divino, é contra discriminações baseadas em castas.

No que diz respeito ao perdão, Mahabharata diz: “*A justiça é um bem maior; o perdão é a única paz suprema; o conhecimento é um contentamento supremo; e a benevolência, uma felicidade única.*”[[5]](#footnote-5) Um poeta Tamil, Tiruvalluvar, tem dois aforismos: “*Assim como a terra suporta aqueles que a cavam, é melhor perdoar aqueles que abusam de você. A melhor forma de punir aqueles que erraram é envergonhando-os ao fazê-los o bem.*”

**12. Budismo**

O Buddha renunciou a um reino e, achando o caminho da austeridade inútil, descobriu um meio termo e buscou viver no mundo, sem apego ou desejo. Ele disse que o todo da realidade está em movimento, mutualmente dependente. Então é melhor ficar à parte. Sendo livre, o indivíduo está cheio de compaixão por aqueles que ainda estão “presos” no processo mundano. A não-violência é fundamental para o budismo. A experiência da dependência mútua tem sido reconhecida como socialismo pelo Bhikku Buddadasa da Tailândia. Ele lutou para salvar a juventude tanto do comunismo ateu da União Soviética quanto do consumismo secularista e individualista dos Estados Unidos. Thich Nhat Hanh do Vietnã insistiu em viver no presente com compaixão por todos, porque somos mutuamente interdependentes, essa mútua interdependência se torna a garantia para a paz e a harmonia no mundo.

**Conclusão**

As religiões parecem ter um papel central na paz ou na guerra. Nós, obviamente, queremos que desempenha um papel na construção da paz em um mundo que ainda está perturbado por conflitos em todas as partes. Mas o que podem realmente as religiões fazer na situação contemporânea? Em certas partes do mundo, as religiões parecem estar perdendo sua influência. Uma grande parte da Europa está secularizada. Alguns meses atrás foi dito que o maior grupo nos EUA atualmente é o de pessoas que não estão ligadas a nenhuma religião. Esse grupo abarca o espectro desde os antirreligiosos até os a-religiosos. Dentre as pessoas que pertencem a uma religião nós temos três grupos. Primeiro, os praticantes normais e seus líderes tradicionais. Segundo, os que são muito ativas em uma religiosidade baseada na necessidade. Terceiro, uma minoria de alguma forma envolvida em missões e lideranças. Quem proverá a liderança às religiões na tarefa da construção da paz?

Devido a uma larga escala de migrações, a maioria dos países no mundo são religiosamente pluralísticos. Estão divididos, não só pela sua fé, mas também pelo status econômico, social e político. Eles também estão divididos de acordo com sua mútua apreciação religiosa. A colaboração entre eles não será fácil. Nós também temos de perguntar a nós mesmos: colaboração a que nível e como? Quais são as pressuposições, teológicas e não, necessárias para tal colaboração?

Mas o desafio permanece. O que eu gostaria de ressaltar aqui é que qualquer colaboração entre religiões não é apenas uma questão religiosa, mas também uma questão política e social. Espero que os próximos dias esclareçam essas e outras questões.

O Segundo Parlamento Mundial das Religiões (Chicago, 1993) publicou a Declaração

da Ética Global, que tem quatro afirmações básicas:

1. Compromisso com uma cultura de não-violência e respeito pela vida;

2. Compromisso com uma cultura de solidariedade e uma ordem econômica justa;

3. Compromisso com uma cultura de tolerância e uma vida de veracidade;

4. Compromisso com uma cultura de igualdade de direitos e parceria entre homens e mulheres.

Foi dito ainda: “*Não há paz mundial sem paz entre as religiões; não há paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões*”, mas isso fica para outra ocasião.

*Tradução do inglês ao português: Ricardo Santos, SJ e Eugenio Rivas, SJ.*

1. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional FAJE – PUC Minas. Religiões Para A Paz Ou Para A Guerra. Diálogo Transdisciplinar. Disponível <http://portaleventosacademicos.pucminas.br/public/ conferences/8/schedConfs/12/program-pt\_BR.pdf>. [↑](#footnote-ref-1)
2. Teólogo, professor na Universidade de Chennai, Madras, Índia. [↑](#footnote-ref-2)
3. Citado em Karen Armstrong, *A History of God*. London: Vintage, 278-279. [↑](#footnote-ref-3)
4. The *Bhagavad Gita*, VIII, 8. [↑](#footnote-ref-4)
5. Mahabharata, Udyoga Parva, Section XXXIII. [↑](#footnote-ref-5)